



Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla
ISCED – HUÍLA

Título:

**A Colocação dos Pronomes Átonos nas Produções
Escritas dos Alunos da 11^a Classe do Instituto
Politécnico do Lubango N^o 131**

Autoras: Cristina Chitula Ribeiro
Indira G.M.F. da Silva

Lubango

2021



Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla
ISCED – HUÍLA

A Colocação dos Pronomes Átonos nas Produções Escritas dos Alunos da 11ª Classe do Instituto Politécnico do Lubango N° 131

**Trabalho apresentado para a obtenção do
Grau de Licenciadas no Ensino da Língua
Portuguesa**

Autoras: Cristina Chitula Ribeiro
Indira G. M. F. da Silva

Tutor: Licínio Moreira, Msc.

Lubango

2021

Dedicatórias

Aos meus avós Paulino Cativa e Cristina Chitula (em memória), aos meus pais Manuel Ribeiro e Luzia Dembele, tios Domingos Nanga e Maria Namongua, aos meus filhos: Erinaldo, Fábio, Brénica e Diego, com muito amor.

Cristina Chitula Ribeiro

Aos meus pais, Lourenço F.J. Fernandes (em memória) e Helena D. M. Moreira;

Ao José Keno N. da Silva, meu esposo, aos meus filhos: Kerane, Irakeno, Irisiane e Iranil e aos meus irmãos.

Indira G. de Melo F. da Silva

Agradecimentos

A Deus, o criador misericordioso e compassivo.

Ao incansável Mestre Licínio Luís Narciso de Moreira, pela paciência e empenho e elevado interesse em contribuir para a nossa formação, aos nossos professores em especial o Dr. “Agnelo Carrasco” Dr. Américo Oliveira, Dra. Carla Black e Dra. Solange Luís.

Aos nossos amigos Maria da Conceição Lima Domingos e José Gueleka Kapetula, pelo empenho e dedicação e aos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização do nosso trabalho.

O nosso muito obrigado

Resumo

O presente trabalho intitulado “A Colocação dos Pronomes Átonos nas Produções Escritas dos Alunos da 11ª classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131”, resulta de uma constatação das autoras, na qualidade de Encarregadas de Educação de alunos que a data frequentavam a 11ª classe no instituto acima referido, na colocação de pronomes átonos nos seus mais variados contextos, tendo em conta os pressupostos gramaticais. Desta constatação notou-se variação significativa no critério de colocação, umas vezes mostrava-se adequada e em muitos outros contextos, indistintos. Deste modo, propusemo-nos levar a cabo uma investigação sobre a temática, tendo como objectivo geral: Analisar a forma como os alunos da 11ª Classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131 colocam os pronomes átonos nas suas produções escritas; sendo que os objectivos específicos passavam por: Identificar a colocação pronominal nas produções escritas dos alunos da 11ª classe; Verificar os contextos de ocorrência de maior variação (ênclise ou próclise); Elaborar sugestões metodológicas que facilitassem a aprendizagem destes mesmos alunos na colocação dos pronomes átonos e forma escrita.

O problema da investigação assentou na seguinte questão: como é que os alunos da 11ª Classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131 colocam os pronomes átonos nas suas produções escritas?

A nossa análise foi feita de acordo com a teoria de Cunha e Cintra (1984), sobre a colocação dos pronomes da qual resultaram os seguintes casos:

Das 30 produções escritas analisadas dos alunos, constatou-se 9 ocorrências com a colocação dos pronomes, dos quais, 5 em posição de próclise e 4 em posição de ênclise. Em relação à próclise, os alunos usaram-na no lugar da ênclise e na ênclise encontramos uma frase onde o pronome desempenha a função de elemento nominal *lhe* e duas frases com o pronome clítico com comportamento de afixo derivacional e uma frase com o pronome com estatuto argumental e funcional assemelhando-se as teorias

Termos-chave: Pronomes Átonos, Produções Escritas e Pronominalização.

Índice

Dedicatórias	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Índice de tabelas	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: INSTITUTO POLITÉCNICO DO LUBANGO Nº 131	4
1.1. Caracterização Geral.....	5
1.2. Organigrama nº 1	7
1.3. Caracterização Discente e Docente	8
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1. Teoria sobre os pronomes.....	10
2.2. Sobre os Pronomes.....	12
2.3. Tipos de pronomes clíticos.....	14
2.3.1. Clíticos com Conteúdo Argumental	15
2.3.1.1. Clíticos Argumentais de Referência Definida	15
2.3.1.2. Clíticos Argumentais de Referência Arbitrária	15
2.3.2. Clítico Argumental Proposicional: Clítico Demonstrativo	16
2.3.3. Clíticos quase-argumentais:.....	16
2.3.3-1. Clítico com Estatuto Argumental e Funcional.....	16
2.3.3.2. Clíticos Referenciais não-Associados à Grelha Argumental	16
2.3.4. Clítico com Comportamento de Afixo Derivacional	17
2.3.5. Clíticos sem conteúdo semântico ou morfossintático	17
CAPÍTULO III: ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS.....	22
3.1. Metodologia.....	23
3.2. População e Amostra	23
a) População	23
d) Amostra	23
3.3. Análise dos Dados Aplicados	23
CAPÍTULO IV: PROPOSTA PARA A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES ÁTONOS NAS PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ALUNOS DA 11ª CLASSE DO INSTITUTO POLITÉCNICO DO LUBANGO Nº 131	28
CONCLUSÕES	30

BIBLIOGRAFIA	32
ANEXOS	36

Índice de tabelas

Tabela 1: Classificação dos átonos	20
Tabela 2: Substituição da expressão por pronome correspondente	25
Tabela 3: Selecção dos pronomes	25
Tabela 4: Ocorrências de clíticos nas produções escritas dos alunos	26

INTRODUÇÃO

A nível dos estudos linguísticos desenvolvidos sobre a Variedade Angolana do Português, muito se tem discutido sobre a questão da colocação pronominal. As discussões suscitadas das divergências verificadas, em muitos casos, entre as produções orais e espontâneas dos alunos e a norma, ensinada pela escola.

A história da educação em Angola nos mostrou que o português sempre desempenhou um papel significativo na educação nativa. O que levou à aspiração da divulgação do português através da educação, em algumas leis que a educação regular na colônia. No entanto, o domínio da Norma Europeia continua a ser limitado a uma elite reduzida dos oradores, portanto, apesar do discurso oficial, declarando como modelo de instituições educacionais, esta medida não impede que muitas das suas regras sejam continuamente violadas.

Esta situação cria embaraços para a educação em Angola, nomeadamente a necessidade prática de ensinar através de uma norma linguística que dificilmente se encontra no uso geral, tanto fora como dentro das instituições escolares. Os resultados desta prática são que os aprendentes têm poucas oportunidades de contactar com manifestações da norma num vasto leque de contextos.

A mudança do estatuto político de Angola operada 1975, implicou alterações à normatividade linguística já em vigor, apesar das novas configurações que a realidade angolana assume, isto é, apesar do novo contexto em que o Português passa a ser usado: a actividade linguística continuou a reger-se pela norma-padrão usada em Portugal.

Como encarregadas de educação de alunos que estudam no Instituto Politécnico do Lubango nº 131 e professoras da disciplina de Língua Portuguesa, temos notado inconsistências na colocação dos pronomes átonos nas produções escritas dos nossos educandos.

As avaliações sistemáticas sobre conteúdos relacionados com a colocação dos pronomes átonos constituem preocupação de alguns dos professores do mesmo Instituto, bem como de alguns pais e encarregados de educação. Neste

sentido, achámos importante levar a cabo esta proposta, com o intuito de analisar ocorrências de uso de pronomes átonos e elaboração de propostas que possam minimizar as carências verificadas nos alunos. Tendo em conta a constatação apresentada acima, formulamos a seguinte questão de investigação: **como é que os alunos da 11ª Classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131 colocam os pronomes átonos nas suas produções escritas?**

O nosso trabalho teve como objectivo geral, analisar a forma como os alunos da 11ª Classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131 colocam os pronomes átonos nas suas produções escritas e, como objectivos específicos, Identificar a colocação pronominal nas produções escritas dos alunos da 11ª classe; Verificar os contextos de ocorrência de maior variação (ênclise ou próclise); Elaborar propostas metodológicas que facilitem os alunos da 11ª Classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131 na colocação dos pronomes átonos nas suas produções escritas.

Para o alcance dos nossos objectivos, elaboramos um questionário, com duas perguntas de preenchimento lacunar e uma pergunta de desenvolvimento aplicado aos alunos para a recolha de dados, conforme os anexos.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo fazemos a caracterização geral do Instituto Politécnico nº 131. No segundo capítulo destacamos alguns autores e obras sobre a teoria ligada à colocação dos pronomes átonos. No terceiro capítulo, fazemos o tratamento de dados obtidos por meio de questionários aplicados aos alunos. No quarto capítulo, apresentamos uma secção com propostas metodológicas para o ensino da colocação dos pronomes, a seguir, as conclusões.

CAPÍTULO I: INSTITUTO POLITÉCNICO DO LUBANGO Nº 131

1.1. Caracterização Geral

O Instituto Médio de Frederich Engels do Lubango foi criado em 1978, ao abrigo do Despacho nº 14/78, de 18 de Março, do Gabinete da Sua Excelência Sr. Ministro da Educação, inserido no Diário da República nº65-I Série. Este estabelecimento escolar beneficiou de uma reabilitação em 2009 tendo sido reinaugurado em Novembro de 2010.

A sua missão tem respaldo na Lei nº 13/01 de 31/12 e no decreto executivo nº 27/05 de 6/6/05. Este estabelecimento escolar acolhe alunos provenientes das escolas do I Ciclo do Ensino Secundário do Município do Lubango, dos outros vários municípios da Província da Huíla e de outras províncias de Angola.

A actual denominação não é a mesma que vigorou desde então. Ao longo dos tempos foi mudando de denominação em conformidade ao contexto sócio histórico que marcou a sociedade angolana. Assim, de início, isto é, em 1978, aquando da sua criação sob a Direcção do Sr. Francisco Amaral Jorge a escola era denominada Instituto Médio “Friedrich Engels” e leccionava os cursos de Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Ciências Físicas com a duração de dois anos, Puniv. Entre 1981 a 1991 sobre a direcção da Sra. Isabel Maria Amaral Jorge leccionava-se os cursos de Administração Publica, Finanças e Contabilidade. De 1991 a 1994 sob a direcção do Sr. Francisco Pedro o instituto altera a sua dignação para instituto médio de economia, a funcionar com os seguintes cursos: Estatística, Administração Pública, Contabilidade e Gestão, Pré-universitário de Ciências Exactas e Pré-universitário de Ciências Sociais. Em 1994 sob a Direcção do Sr. Hernany Porcel Mendes Silva, deixam de existir alguns cursos e passam a existir unicamente Administração Publica, Contabilidade e Gestão e Estatística. Por fim, ao abrigo da reforma educativa, sob direcção do Sr. Jacinto Jamba passou a IMELUB (Instituto Médio de Economia do Lubango).

O IMEL passou a designar-se por IMPOLub no ano de 2019, a actual director é o senhor Armindo Vaefeni Gabriel. É uma escola pública que lecciona a 7ª, 8ª e 9ª Classes (Curso Auxiliar de Contabilidade), a 10ª, 11ª, 12ª e 13ª Classes (Curso Médio-Técnico). Está unicamente vocacionada a formação.

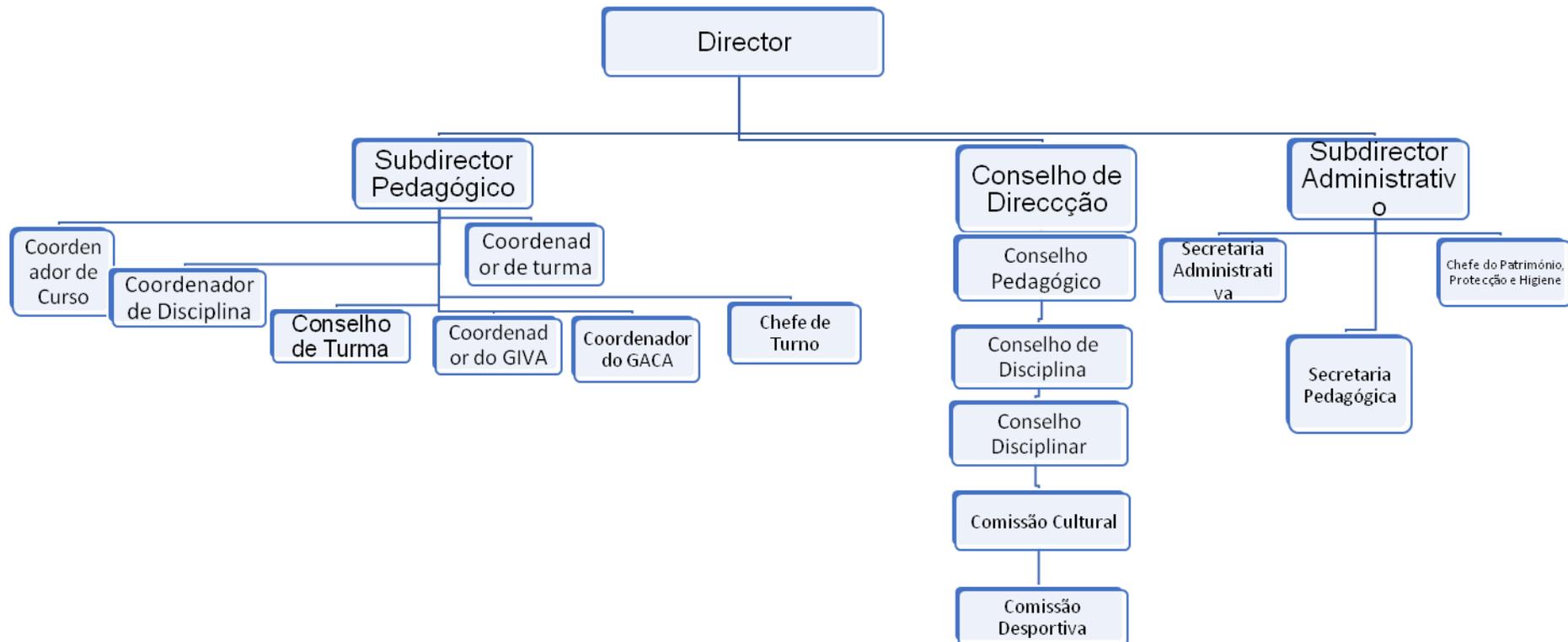
técnico profissional para dar resposta as necessidades do país e a evolução tecnológica.

O Instituto Politécnico do Lubango nº 131, está localizado no município do Lubango, é limitado pelos paralelos 14º e 56' a Sul e meridianos 13º e 29' a Leste. É confrontado a Norte pela rua da Môngua, a Sul com o terreno do CFM e Bairro A Luta Continua, a Este com a rua de terra batida e a Oeste com a passagem de serventia e Bairro da Dr A. A. Neto

Algumas estruturas circundantes são: Colégio nº 57 "1º de Dezembro" do Lubango, posicionado em frente a Instituição. Mais abaixo a actual escola de Formação de Professores, Ex Instituto Médio Normal de Educação "CDTE Liberdade" e o Complexo Escolar Privado "O Sol".

1.2. Organigrama nº 1

Estrutura do instituto



A Instituição tem a forma geométrica de um quadrado e o terreno, de um polígono regular. O espaço do terreno ocupado pela instituição tem uma área de 45.293 m² da parcela.

O Instituto Politécnico do Lubango N^o131 é um estabelecimento de ensino público que tem como finalidade, formar quadros básicos e médios técnico-profissionais capazes de responderem as exigências das pequenas, médias e grandes empresas, tanto públicas como privadas, como o ingresso nas distintas instituições superiores, mormente, na faculdade de Economia. Está unicamente vocacionada a formação técnico-profissional para dar resposta as necessidades do país e a evolução tecnológica.

Actualmente é constituído por 34 salas normais 26 salas de aulas que estão em funcionamento com 42 carteiras em cada; 8 laboratórios; 18 quartos de banho; 1 sala de professores; 1 sala de reuniões; 1 refeitório; 1 biblioteca; 1 livraria (cantina escolar); 16 gabinetes trabalho e 1 campo multiuso.

1.3. Caracterização Discente e Docente

O INPOLUB conta com um Director, um Subdirector Administrativo e um Subdirector Pedagógico, quanto aos cargos de chefia, constam um chefe da secretaria administrativa, um chefe da secretaria pedagógica, 1 chefe da biblioteca, 1 chefe de secção, 6 coordenador de curso, coordenador do gabinete de inserção do aluno na vida activa (GIVA) e chefe do gabinete psicopedagógico. Relativamente aos professor do II ciclo do ensino secundário e médio diplomado conta com 3 prof. do II ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 2^o Escalão, 30 Prof. do II Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 3^o Escalão, 7 Prof. do II Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 4^o Escalão, 5 Prof. do II Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 5^o Escalão, 44 Prof. do II Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 6^o Escalão, 1 Prof. do II Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 7^o Escalão e 55 Prof. do II Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 8^o Escalão, quanto aos Professor do I Ciclo do Ensino Secundário Diplomado a instituição conta apenas com 1 Prof. do I Ciclo do Ens. Sec. Diplomado do 6^o Escalão. relativamente aos professores do Ensino Primário Diplomado, a instituição conta com 1 Prof. do Ens. Prim. Diplomado do 5^o Escalão e 5 Prof. do Ens. rim. Diplomado do 6^o Escalão.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Teoria sobre os pronomes

Os pronomes pessoais costumam ser definidos como sendo grupos de palavras variáveis que substituem nomes. Segundo Vilela (1999: 207), “a própria designação pro-nomen já aponta para o valor relação entre esta categoria gramatical e o nome (ou substantivo)”. Para esse autor, os pronomes constituem uma lista fechada de formas com as seguintes características:

- (i) Normalmente são flexionáveis (género e número); por exemplo, os pronomes ele (masculino) e ela (feminino) demonstram a variação em género e os pronomes ele/ela (singular) e eles/elas (plural) demonstram a variação em número;
- (ii) Não são comparáveis, isto quer dizer que os pronomes apresentam formas específicas que podem nem sempre se combinarem;
- (iii) São elementos que ganham peso denotacional na referencialidade do texto ou situação, o que significa que estes pronomes podem funcionar quer como anafórico quer como deícticos.

Bechara (2001, p. 162), por sua vez, prefere considerar os pronomes como “a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objecto substantivo, considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso”. Os pronomes pessoais apresentam três formas, para o singular (eu, tu, ele ou ela) e para o plural (nós, vós, eles ou elas). Os gramáticos de pendor tradicional como Bechara (2001, p. 162) ou Cunha e Cintra (2005, p. 278) são unânimes ao afirmarem que são duas as pessoas determinadas do discurso: 1ª, eu, correspondente à pessoa que fala; 2ª, tu, correspondente ao ouvinte. A 3ª pessoa, indeterminada, aponta para outras pessoas em relação aos participantes da relação comunicativa. Trata-se de um não-eu e um não-tu. Segundo Jordão (2007, p. 10), Mattoso identificou três noções gramaticais que distinguem os pronomes. Segundo esse autor, uma dessas noções é a de pessoa gramatical, situando-se a referência do pronome no âmbito do falante (1ª pessoa), no do ouvinte (2ª pessoa) ou fora da alçada dos dois interlocutores (3ª pessoa).

O número, sem morfema flexional privativo seu, integra-se nessa noção de pessoa gramatical. A segunda noção gramatical própria dos pronomes é a existência em vários deles de um género neutro em função substantiva, quando a referência é a coisas inanimadas. Por outro lado, “há formas específicas para seres humanos. Esta noção consta aqui como ilustração, pois não se refere aos pessoais rectos e oblíquos. Como terceira noção gramatical privativa dos pronomes, em português, encontra-se o que podemos chamar uma categoria de casos, se bem que muito diversa, formal, funcional e semanticamente, dos casos nominais em latim” (Jordão, 2007, p. 10).

Numa visão descritiva e focada no uso dos pronomes, assim como nas suas propriedades morfológicas e semântico-pragmáticas, Lobo (2013, p. 2194) considera, por sua vez, o seguinte: em português, os pronomes pessoais estão especificados quanto à pessoa gramatical e semântica e, até certo ponto, quanto a função gramatical. Assim, distinguem-se formas de primeira pessoa semântica, a que produz o discurso; formas de segunda pessoa semântica, a que é dirigido o discurso; e de terceira pessoa semântica, a pessoa que não participa no discurso, com formas diferentes de acordo com o número.

A partir do acima exposto, e com base em Martins (2013, p. 2231), os pronomes clíticos podem ser concebidos como “morfemas presos” na medida em que nunca podem funcionar sozinhos de forma isolada, mas sempre ligados a um hospedeiro, ou seja, a um verbo. Martins (2013, p. 2231) compara os clíticos pronominais aos afixos derivacionais, ao afirmar que “os pronomes clíticos podem ser considerados como partículas desprovidas de acento que requerem um hospedeiro que os receba, assim como acontece com os afixos flexionais”. Embora os clíticos sejam considerados, como referido atrás, morfemas presos ligados morfológica e foneticamente a um hospedeiro, do ponto de vista morfológico apresentam particularidades que os distinguem dos afixos (prefixos e sufixos), elementos que se ligam a uma base que pode ser nominal, adverbial, verbal ou adjectival.

Na perspectiva de Mateus et. al. (2003: 849), existem dois tipos de clíticos: os clíticos categoriais e os clíticos de Tobler-Mussafia, salientando as autoras o seguinte: os clíticos categoriais são aqueles que seleccionam um verbo como

anfitrião e que se adjungem fonologicamente a este à direita ou à esquerda. Os clíticos pronominais que fazem parte desse perfil existem, por exemplo, em espanhol, catalão, romeno, francês e italiano.

Na classe de clíticos de Tobler-Mussafia, incluem-se os clíticos pronominais do português. Da mesma forma que com os clíticos categoriais, estes seleccionam um verbo como anfitrião. No entanto, sua posição na frase não está determinada pela forma pessoal ou não pessoal do verbo, como ocorre com os clíticos categoriais. Ora, tal como salienta Martins (2013, p. 2231), “um clítico é um item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos)”. Além disso, a ausência de acento de palavra faz com que o clítico dependa necessariamente de uma palavra adjacente acentuada.

2.2. Sobre os Pronomes

Os pronomes pessoais, em geral, costumam ser classificados na gramática tradicional de acordo com vários critérios.

A classificação apresentada por Cunha e Cintra (2005, p. 277) distingue dois tipos de pronomes: (i) pronomes substantivos, quando representam substantivos; (ii) pronomes adjectivos, quando acompanham os substantivos, determinando-lhes a extensão do significado.

Se se atender ao que aponta Melo (1978, p. 76), verificar-se-á que, do ponto de vista didáctico, adoptar a dicotomia pronomes absolutos e pronomes adjuntos, ao invés de pronomes substantivos e pronomes adjectivos, seria o mais correcto, pois, afirma o autor, para não confundir a categoria dos pronomes com a dos nomes, diremos que são pronomes absolutos os que fazem as vezes dos substantivos (pronomes substantivos na classificação de Cunha e Cintra, 2005) e, por sua vez, os pronomes adjuntos (pronomes adjectivos) são os que se empregam como adjectivos.

Além desta classificação, os pronomes também se distinguem de acordo com a função gramatical que desempenham na oração (Cunha e Cintra, 2005, p. 283 - 288; Bechara, 2003, p. 173).

Catalão (2001, p. 22) sustenta que a classificação dos pronomes pessoais se baseia em critérios sintáticos e fonológicos e, por isso, a autora, em linha com a doutrina tradicional de Cunha e Cintra (1990) e Bechara (2001), sustenta que os pronomes pessoais são classificados de acordo com os seguintes critérios:

- (i) Função que desempenham na oração: rectos, se desempenham a função de sujeito; oblíquos, se funcionam como objectos (directo e indirecto);
- (ii) quanto à acentuação: tónicos e átonos.

Os pronomes desempenham na oração funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais (Cunha e Cintra, 1984). Vejamos os seguintes casos:

- a. Estiveste com a Joana?
Vi-a à porta da farmácia.
- b. Tirei o prato da mesa e pu-lo na cozinha.
- c. Pedi ao Pedro para sair com ele.

Nos exemplos acima, o pronome é utilizado para referir um nome que é recuperável no discurso anterior ou na própria frase. Na primeira frase, o pronome --**a** recupera o grupo nominal **a Joana**. Na segunda (b), o pronome – **lo** retoma o grupo nominal **o prato**, na linha c) **ele** retoma o grupo nominal **o Pedro**. Nestes casos, o pronome permite recuperar a referência sem a repetir. A sua repetição resultaria em casos estranhos.

Nos exemplos acima temos essencialmente pronomes clíticos, em substituição de grupos nominais. É sobre esta subclasse de pronomes que nos vamos debruçar. Cunha e Cintra (1984, 78) “define pronominação como elemento que combina fonologicamente com palavras que não forma construções

morfológicas, confiando no sotaque dessas palavras e podem ser encerradas, procuradoras e mesclíticas”.

Além disso, Duarte (1983, 159) “define pronominação como consultor da frase, que é fonológico e sincronizado dependente de um verbo e que é interpretado como assunto, um objeto direto ou indireto disso”.

Para Matos (2003, pp. 286-287), “pronomes ou falésias especiais respondem às formas formais do pronome pessoal, que ocorrem associados à posição dos complementos de verbos. Dependendo da pessoa gramatical e da forma aleatória, em que correspondem, as falésias pronunciadas podem ser não reflexos e reflexões”.

Em relação à função sintáctica que os clíticos desempenham, esta não se limita a denotar a pessoa gramatical, podendo, também, exibir uma função predicativa, ou revestir-se de propriedades morfossintáticas características de alguns sufixos derivacionais (Matos, 2003).

2.3. Tipos de pronomes clíticos

Segundo Matos (2003, p. 835), “pode-se identificar cinco critérios para a classificação dos clíticos no português como em outras línguas românicas, a saber”:

1. O seu potencial referencial ou predicativo ;
2. A possibilidade de receberem um papel temático ;
3. A sua referência específica ou arbitrária ;
4. A capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico e de extracção simultânea de clítico ;
5. A faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado .

Segundo Adriano (2014, p. 393), “a tradição gramatical prevê três posições possíveis dos clíticos: (i) antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise), sendo que a ênclise é considerada a

posição mais natural no discurso (cf. Cunha e Cintra, 2008, p. 323)”. “A posição enclítica é o padrão básico, não marcado, e que a posição proclítica é induzida por factores de natureza sintáctico-semântica ou prosódica”. “Assim podemos concluir que a distribuição dos clíticos na frase não se traduz, na maioria dos casos, em variação livre (Brito, Duarte e Matos, 2003, p. 849-850), obedece a critérios específicos, ligados ao contexto de comunicação, aos indutores de próclise e à natureza do verbo”.

2.3.1. Clíticos com Conteúdo Argumental

Os clíticos argumentais dividem-se em dois subtipos, que são de referência definida e de referência arbitrária. Dentro dos clíticos de referência definida encontram-se os pronominais (acusativos, dativos) e as anáforas ou anafóricos (reflexos, recíprocos) .

2.3.1.1. Clíticos Argumentais de Referência Definida

Os clíticos pronominais e anafóricos Eles são caracterizados como argumentos verbais transitivos ou bitransitivos, porque estão associados a posições de objectos directo ou indirecto, fornecem construções redobradas em que o constituinte redobrado marca a argumentação à qual o clítico está associado .

Finalmente, em frases com extracção simultânea de clítico, é possível recuperar o argumento não realizado, sem que a frase seja sentida como um caso de objecto nulo .

2.3.1.2. Clíticos Argumentais de Referência Arbitrária

Cunha & Cintra (1984) e Bechara (1999), citados por Mapasse (2005, p. 9) “designam por clíticos argumentais de referência arbitrária, como sujeito indeterminado por se-nominativo. O se-nominativo serve para assinalar um sujeito frásico que denota uma entidade arbitrária”.

- (1) (a) Diz-se que o governo vai perder as eleições .
- (b) A grande questão está naquilo em que **se** acredita .

(c) A grande questão está naquilo em que **alguém**/ uma pessoa acredita .

Como consequência desta natureza semântica o se-nominativo não aceita a construção de redobro de clítico, como se pode ver em (2) .

(2) (a)* Alguém aluga-se casas.

2.3.2. Clítico Argumental Proposicional: Clítico Demonstrativo

O pronome invariável o correlato do demonstrativo isso, está entre os clíticos pronominais e denota situações e estados de coisas. Ocorre com verbos que seleccionam frases por objecto directo .

(6) (a) Que era culpado, ele não o declarou abertamente .

Surge, também, em estruturas copulativas como predicado nominal, desempenhando o papel de núcleo das orações pequenas seleccionadas pelo verbo, como por exemplo na frase abaixo (7) :

(7) A Maria fez o trabalho e a Amélia também o fez.

2.3.3. Clíticos quase-argumentais:

2.3.3-1. Clítico com Estatuto Argumental e Funcional

O se-passivo serve para se referir a qualquer entidade identificada com o chamado agente passivo. Como uma nomeação, não há construções de redobro. No entanto, admite aceções de extracção paralela de clíticos .

(8) (a) Venderam-se, nas jornadas científicas, muitos livros.

*Venderam-se, nas jornadas científicas muitos livros por alguém.

2.3.3.2. Clíticos Referenciais não-Associados à Grelha Argumental

Este subtipo é o dativo ético e o de posse. Sportiche (1988, 64) rejeita o estatuto argumental de dativos éticos e de propriedade, mas sugere que isso

pode ser tratado como um clítico, que está associado a componentes nominais sem conteúdo de referência.

(9) (a) Acaba-me depressa os trabalhos de casa !

(b) Arranja-nos lá um emprego para o rapaz !

O dativo de posse difere do dativo ético pelo facto de que, embora não esteja relacionado à posição argumental do predicador oral, ele está associado a um argumento fixo ou posição de complemento a este predicador, é parafraseável para possessivo. Esta posição é visível na construção de redobro.

(10) (a) Dói-me a perna.

(b) Dói-me a perna a mim.

2.3.4. Clítico com Comportamento de Afixo Derivacional.

Este clítico exhibe uma forma idêntica a dos pronomes anafóricos reflexos. É também designado de ergativo ou anti-causativo. Esta designação deve-se ao facto de a sua ocorrência inibir a presença do argumento externo do verbo a que se associa, argumento externo esse que deteria normalmente as relações temáticas de causador ou de agente. A sua função é fundamentalmente a de descausativar o verbo principal a que se associa, comportando-se deste modo como um sufixo derivacional inacusativo.

(11) (a) O barco virou-se¹.

(b) Enervei-me com a situação².

2.3.5. Clíticos sem conteúdo semântico ou morfossintático

¹ cf. *A tempestade virou o barco.*

² cf. *aquela situação enervou-nos.*

Designam-se como casos de clítico inerente as formas do pronome reflexo que não estão associadas a qualquer posição argumental ou de adjunto e em que o clítico não pode ser interpretado como uma partícula de transitividade.

(12) (a) A Teresa foi-se embora para a Humpata.

(b) Rio-me às gargalhadas das graças dos Tuneza.

2.4. Casos de colocação de pronomes clíticos no Português falado em Angola

A colocação dos clíticos em português não é uniforme, isto é, existem variações em relação à posição em que estes ocorrem nas diferentes variedades.

Segundo Carrasco (1988, p. 93), a utilização das formas causais do pronome pessoal átono (objecto directo, objecto indirecto) em Angola não é coincidente com o português de Portugal.

Para Carrasco, as principais diferenças entre as duas variedades residem na variação do padrão de colocação, nomeadamente nos usos de ênclise pela próclise, da próclise pela ênclise e até da utilização de clíticos em início de frase, numa posição em que devido a sua atonicidade, se tornariam quase impronunciáveis para um falante português.

O mesmo autor explica por meio dos exemplos abaixo mencionados a sua tese:

a) Frases iniciadas por pronome átono:

- ✓ Me bate. Me bate. Me bate então. (B. Cardoso)
- ✓ Lhe apanhou quando estava a buracar nas lavras e zás! (B Cardoso)

b) Uso da próclise no lugar da ênclise:

- ✓ Assentou no chão perto da velha, começou lhe dar a comida que trazia. (J. Rocha)
- ✓ A sua prima Júlia, do Golungo, lhe mandou um cacho de bananas. (L. Vieira)

c) Próclise ao verbo principal:

- ✓ Não, não sabes e não posso te dizer mais. (Luandino Vieira)

✓ Próclise pela ênclise, em orações adversativas com, mas:

✓ Mas [lhe viram ou lhe apanharam? (M. P. Pacavira)

d) A ênclise pela próclise; em orações negativas e subordinadas:

✓ Para que cumpra-se o contracto não recusei-me às condições (M. P. Pacavira)

✓ Sem processo para julgar não pode-se saber a justiça, senhora. (L. Vieira)

Marques (1985, p. 222-223), ao comparar dados do português e das línguas bantu faladas em Angola, observa que "o pronome pessoal complemento directo ou indirecto em kikongo, umbundu e kimbundu não ocupa a mesma posição que ocupa na língua portuguesa, pois que naquelas línguas o pronome antepõe-se ao verbo, contrariamente ao que acontece na língua portuguesa em que a posição do pronome é no fim do verbo". Assim, é também frequente ouvir-se dizer: eu lhe digo por eu digo-lhe.

a) Kikongo:

✓ Kwa bau lun'disi mbongo zame (eu lhes dei o meu dinheiro a guardar)

b) Umbundu:

✓ Olusolo lwa kuvalula (a bala te feriu)

c) Kimbundu:

✓ Mwene wa mu bana (ele lhe deu)

Marques (1985) acrescenta ainda que "no nosso caso, as interferências das línguas nacionais são uma hipótese de explicação imediata. Contudo, como tais fenómenos são frequentes em outros países, é necessário estudá-los rigorosamente".

Segundo Brito, Duarte e Matos (2003, p. 827), citados por Adriano (2014, p. 386), os pronomes apresentam várias formas, isto é, podem apresentar as formas tónicas e as formas átonas. As formas tónicas abrangem os pronomes nominativos com a função sintáctica de sujeito (*eu, tu, ele/a, nós, etc.*) e os oblíquos/dativos com as funções sintácticas de complemento indirecto e

complemento preposicional (*mim, comigo, ti, contigo, nós, connosco*, etc.). As formas átonas ou fracas podem ser acusativas (com a função sintáctica de complemento directo) ou dativas (com a função sintáctica de complemento indirecto). Estas formas átonas recebem o nome de clíticos, que podem ser reflexos e não-reflexos, como se espelha no quadro que se segue.

Tabela 1: Classificação dos átonos

Pessoas gramaticais	Clíticos não-reflexos		Clíticos reflexos Acusativo
	Acusativo	Dativo	
1ª singular	Me	Me	Me
2ª singular	Te	Te	Te
3ª singular	o/a	lhe	Se
1.ª plural	Nos	Nos	Nos
2.ª plural	Vos	Vos	Vos
3.ª plural	Os/as	Lhes	Se

Fonte: Adriano (2014)

Para Miguel (1997, p. 61), os desvios na colocação dos pronomes clíticos têm influência da língua kimbundu, justificando que a contaminação" relaciona-se directamente com o nível de instrução do falante. Quanto mais baixo o nível do falante mais forte é o contágio do kimbundu. A mesma autora acrescenta ainda que no kimbundu, a colocação do pronome na frase é sempre proclítica ao verbo. Esta característica é responsável pela tendência de anteposição do pronome ao verbo, muito forte nas camadas de baixa ou nula escolaridade e oscilante nas camadas escolarizadas até ao nível universitário".

A regra gramatical não admite o emprego do clítico em posição proclítica quando se trata de frase afirmativa declarativa na qual não conste um indutor de próclise (Cunha e Cintra, 1984). Porém, o *corpus* transcrito por Adriano (2014, p. 84) encerra casos que configuram alguma variação, como nos casos abaixo:

a) ***me** sinto regozijado nesse aspecto Ø / porque já não farei a trajectória que fazia antes // [RNA, Jornal, 23.08.2012]

b) ***me** parece que / neste momento / os partidos políticos pelo menos têm um comportamento / aquele que se espera [...] // [TPA1, Programa Especial: Eleições Gerais 2012, 01.09.2012]

c) ***me** ajuda você que manda a polícia / **me** ajuda // [TPA1, Campanha Eleições, 17.08.2012]

d) ***me** mandaram guardar uma arma // [TPA1, Telejornal 05.09.2012]

e) ***se** intoxicou com o medicamento das plantas // [TPA1, Encenação, Publicidade, 23.08.2012]³

Como vimos acima, a colocação dos pronomes clíticos no português falado em Angola é marcado pela influência das línguas bantu, como refere Miguel (1997) e marcada ainda pelo maior ou menor nível de escolaridade dos falantes como referem (Carrasco 1988; Miguel 1997).

O nosso trabalho vai cingir-se na teoria de Celso Cunha (1984), sobre a colocação dos pronomes.

³ As frases de a) – d) foram retomadas integralmente de Adriano (2014), por isso conservam os sinais gráficos daí constantes.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

3.1. Metodologia

O objecto da pesquisa foi a colocação dos pronomes átonos nas produções escritas dos alunos da 11ª classe do Instituto Politécnico do Lubango nº131.

3.2. População e Amostra

a) População

A nossa população compreendeu 150 alunos da 11ª Classe do curso de Contabilidade e Gestão do Instituto Politécnico do Lubango nº 131.

d) Amostra

Dos 150 alunos inquiridos, analisámos um total de 30 produções escritas desses mesmos alunos, seguindo o critério aleatório simples. O conteúdo dos inquéritos aplicados, podem ser verificados no anexo 1.

3.3. Análise dos Dados Aplicados

O nosso inquérito compreendeu duas (2) perguntas de preenchimento lacunar e uma (1) de desenvolvimento, com o objectivo de testar a produção escrita e espontânea de pronomes pelos alunos.

A 1ª questão seguiu o método de substituição, a partir de uma expressão sublinhada no inquérito, os alunos procederam a substituição da mesma por pronome correspondente de acordo com as possibilidades apresentadas, como se pode constatar abaixo.

A questão colocada foi a seguinte:

- 1- Substitua as expressões sublinhadas, nas orações seguintes, pelos pronomes correspondentes: *o, a, os, as, se, lhe, lhes.***

Questão modelo:

O menino estudou a lição.

Resposta convencional⁴:

O menino estudou-a.

⁴ Consideramos resposta convencional, a determinada pelas diferentes gramáticas, por exemplo: Cunha e Cintra (1994) e Bechara (2003), para citar algumas.

Questões colocadas aos alunos (exemplos) ⁵:

- a) A menina entregou o lápis ao colega.
- b) O professor orientou os trabalhos à turma.

Resposta pretendida pelas investigadoras:

- a) A menina entregou-lhe o lápis.
- b) O professor orientou-os à turma.

Na segunda questão, pedimos que os alunos *riscassem* os casos de uso incorrecto do pronome. A seguir apresentamos uma amostra dos contextos aplicados.

A questão colocada foi a seguinte:

2- **Risque o verbo cujo pronome não está colocado correctamente:**

Modelo: Aqui ~~vende-se~~/se vende saldo.

- a) A menina já entregou o lápis ao professor.

Opções de resposta: A menina já lhe entregou/entregou-lhe o lápis.

Para o caso desta questão, a opção incorrecta é a primeira: a menina já ~~lhe~~ entregou.

- b) O rapaz não estudou a lição.

Opções de resposta: o rapaz não estudou-a/a estudou.

Para o caso desta questão, a opção incorrecta é a segunda.

Na terceira pergunta, solicitamos aos que produzissem um texto curto sobre um tema de sua escolha. Deste modo, pretendíamos verificar como os alunos colocam os pronomes de forma espontânea.

A questão colocada foi a seguinte:

3- **Em poucas linhas conta uma história que te marcou.**

Algumas dessas produções constam do anexo 2.

3.4. Resultados

Na tabela 2, apresentamos os resultados relativos a questão nº1, sobre a substituição da expressão por pronome correspondente.

⁵ As outras questões do inquérito poderão ser verificadas no anexo 1.

Tabela 2 – Substituição da expressão por pronome correspondente

Respostas	Frequência	Percentagem
Substituíram os pronomes	13	43%
Não substituíram os pronomes	17	57%
Total	30	100%

Fonte: As autoras (2020)

Os dados espelhados na tabela nº 2, demonstram que dos 30 alunos inquiridos, apenas 13 alunos fizeram a substituição devida, perfazendo um total de 43%. Os restantes 16 alunos, o que perfaz 57%, não fizeram a substituição correspondente.

Os dados acima expostos demonstram que os alunos não distinguem de forma clara, o uso da ênclise, isto é, a ocorrência do pronome depois do verbo como estabelecido pelo padrão gramatical. A taxa de acerto (43%) não é satisfatória, pois que se verifica uma grande percentagem de indistinção nos casos testados.

Tabela 3: Selecção dos pronomes

Respostas	Frequência	Percentagem
Riscaram	11	37%
Não riscaram	19	63%
Total	30	100%

Para a questão nº 2, cujos resultados podem ser verificados acima (tabela 3), sob o tópic: *risque o verbo cujo pronome não está colocado correctamente*. Os dados obtidos demonstram que apenas 11 alunos, perfazendo 37%, assinalaram a opção certa, isto é, riscaram a opção em que o uso do verbo é indevido. Por seu lado, 19 alunos, perfazendo 63%, não riscaram aquela que seria a opção certa. Procederam, portanto, de forma diferente do esperado pelas investigadoras.

Os dados obtidos para a pergunta nº 2, vão no seguimento do já demonstrado na pergunta nº 1, que resulta numa taxa elevada de variação quanto ao critério de colocação do pronome quer seja em contexto de ênclise, próclise ou mesmo

mesóclise. Neste contexto em particular, em que a tarefa dos alunos se limitou pela escolha da opção errada, a nível da colocação do pronome, por meio da actividade, *riscar a opção errada*, os resultados demonstraram as mesmas dificuldades notadas na 1ª pergunta. O que, de certa forma, enquadra-se no que tem sido demonstrado por estudos referidos acima sobre o português angolano.

Tabela 4: Ocorrências de pronomes átonos nas produções escritas dos alunos

Ocorrências	Frequência	Percentagem
Colocaram pronomes	9	30%
Não colocaram pronomes	21	70%
Total	30	100%

Na tabela 4, sobre ocorrência de pronomes nas produções escritas dos alunos, do total da nossa amostra (30 alunos), registamos 9 produções escritas com ocorrência de pronomes átonos (30%), colocaram pronomes nas suas produções escritas. Dos quais, 5 em posição de próclise e 4 em posição de ênclise, onde na próclise, os alunos usaram a próclise no lugar da ênclise, tais como: “o que mais **nos** chamou a atenção foi... (produção nº 3)” “hoje a prova de programação **me** correu muito bem...(produção nº 30)” “**me** surpreendeu quando vi...(produção nº 22)” “a história que **me** marcou...(produção nº 18)” “**Se** manter presente...(produção nº 7)”, as frases expostas, assemelham-se a teoria desenvolvida por (Carrasco, 1988). Na ênclise encontramos uma frase em que o pronome desempenha a função de elemento nominal, como “o pai **disse-lhes** que ninguém poderia tentar... (produção nº 14)”, duas frases “**lembro-me** que foi no dia 5.10.2013 (produção nº 11)” “**fizeram-me** uma festa surpresa (produção nº 26)”, com o pronome como clítico com comportamento de afixo derivacional e uma frase “**esqueceram-se** do meu aniversário... (produção nº 26)” com o pronome com estatuto argumental e funcional assemelhando-se as teorias de (Cunha e Sintra, 1984),

Em 21 produções escritas também analisadas, não notámos qualquer ocorrência de uso pronominal. Tendo em conta a percentagem que

representam essas 21 produções escritas (70%), achámos que esta será para a nossa população uma área que encerra uma variação significativa, em relação ao esperado a nível do ensino explícito da língua.

**CAPÍTULO IV: PROPOSTA PARA A COLOCAÇÃO DOS
PRONOMES ÁTONOS NAS PRODUÇÕES ESCRITAS
DOS ALUNOS DA 11ª CLASSE DO INSTITUTO
POLITÉCNICO DO LUBANGO Nº 131**

Para minimizar os problemas sobre a colocação de pronomes, o professor deve ensinar aos alunos as regras de pronominalização, isso com todas as regras e formas de língua, a partir dos textos dos alunos, para que o aluno tenha conhecimentos das regras gramaticais e que perceba e saiba distinguir o que é correcto a usar em textos escritos em sala de aula e na vida em geral. Portanto, apresentamos abaixo a lista de propostas para a melhorar as produções escritas dos alunos:

- Deve-se ter o cuidado de transferir os conhecimentos adquiridos em sala de aula para, em contexto explícito e forma de aprendizagem, para que em outros contextos os mesmos sejam solicitados;
- Na sala de aula o professor deve exercer o papel de facilitador, no sentido de minimizar os desvios na colocação dos pronomes a nível das suas produções escritas;
- Ao ensinar-se ao aluno a variedade considerada padrão, deve-se tentar compreender a linguagem dos alunos para poder orientá-los para produções mais normativas, sobretudo, em contextos formais como o caso da resposta a questionários e outros;
- O aluno deve ser incentivado fazer exercícios constantes de colocação de pronomes, para que possa entender quando e como usar o pronome antes e ou depois do verbo;
- Que a pronominalização seja um elemento constante nas aulas e nos trabalhos para casa dos alunos, como meio de melhorar as suas produções escritas;

CONCLUSÕES

São inúmeros os estudos levados a cabo sobre a colocação de pronomes. Desses estudos conclui-se que a ênclise e a próclise são os padrões de colocação mais frequentes. Esta conclusão coincide com os resultados da nossa pesquisa. No nosso trabalho constatamos que os alunos da 11ª classe do Instituto Politécnico do Lubango N° 131 usam com maior frequência a próclise e a ênclise.

Os resultados que obtivemos para os contextos de ênclise, sob produção induzida, por meio de uma tarefa de preenchimento lacunar, demonstram que os alunos da 11ª classe do Instituto Politécnico do Lubango nº 131 não distinguem de forma clara, os usos do pronome depois do verbo, como estabelecido pelo padrão gramatical;

Das trinta (30) produções escritas analisadas, só em nove (9) encontramos ocorrências de colocação de pronomes, dos quais, cinco (5) em posição de próclise e quatro (4) em posição de ênclise. Nas restantes vinte e uma (21) produções escritas também analisadas não houve ocorrência de colocação de pronomes átonos.

BIBLIOGRAFIA

- Adriano, P. S. (2014) *A Crise Normativa do Português em Angola: Cliticização e Regência Verbal: que atitude normativa para o professor e o revisor?*. Luanda: Mayamba.
- Bechara E. (2001) *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bechara E. (2003) *Gramática Escolar da Língua Portuguesa: para o ensino e cursos preparatórios*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brito, A., & Matos D. (2003) *Categorias sintáticas*, In: MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. (7 ed.). Lisboa: Editorial Caminhos SA.
- Carrasco, A. (1988) *Subsídios para o Estabelecimento da Norma do Português em Angola, Dissertação de licenciatura apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla*.
- Cunha, C., & Cintra, L. (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 5.ª ed., . Rio de Janeiro: Lexikon45.
- Duarte, I. (1983) *Oficina gramatical: contextos do uso obrigatório de conjuntivo*, In: *Para a Didáctica do Português: Seis Estudos de Linguística*, . Lisboa: Edição (Colibri 65-177).
- Catalão, M. F. C. (2011) *Os Padrões de Uso dos Pronomes Pessoais Átonos em Português Europeu. Estudo realizado nos anos terminais dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, com propostas de didactização*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado.
- Jordão, G. M. J. (2007) *Pronomes Pessoais Rectos e Oblíquos: Formas em Competição*. Niterói: Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.btdt.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2008-02-25T114903Z-1319/Publico/Geisa%20Jordao-dissert.pdf>.

- Lobo, M. (2013) “Sintaxe e Semântica – Fenómenos de Omissão e Elipse” in: RAPOSO, Coimbra.
- Macai, G. B. (1987) *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- Martins, A. M. (2013) “Posição dos Pronomes Pessoais Clíticos”, in: RAPOSO, Eduardo Buzaglo, NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do, MOTA, Maria Antónia Coelho da, SEGURA, Luísa, MENDES, Amália (Orgs.), *Gramática do Português*, Volume II, Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian (2231-2301).
- Martins, A. M. (2015) *Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos*, Estudos de Linguística Galega 7, pp. 83–94.
- Martins, A. M. (2016) “A Colocação dos Pronomes Clíticos em Sincronia e Diacronia”. In Martins, Ana Maria e Carrilho, Ernestina (eds), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter, pp. 401-430.
- Mateus, M. H. M. et. al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- Mapasse, E. (2007) *Clíticos Pronominais em Português de Moçambique*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Disponível em: <http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/mapasse2005_tese.pdf>.
- Maria, H. M. (2014) *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Editorial Nzila.
- Marques, M. E. (1985) *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Melo, G. C. (1978) *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Miguel, M. (1997) *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda: Editorial Nzila.

- Moura, J. de A. (2006) *Gramática do Português Actual* 1ª edição. Lisboa: Lisboa Editora.
- Matos, G. (2003) “Estruturas de Coordenação”, in: MATEUS Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 7.ª ed., Lisboa: Editorial Caminhos SA (549-592).
- Pinto, A. L. (2011) *A Situação do Português em Angola*. In: *Uma Política de Língua para o Português*. Lisboa: Colibri.
- Sporliche, A. (1999) “Meu Brasil e o Meu Portugal – Introdução a um Estudo acerca do Emprego do Artigo Definido antes de Possessivo em Português”, in: BARBOSA Jorge Morais *Gramática e Ensino das Línguas*, Coimbra: Almedina.
- Vilela, M. (1995), *Algumas Tendências da Língua Portuguesa em África. Ensino e língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina. pp. 45-72.

ANEXOS

QUESTÕES

1. Substitua as expressões sublinhadas, nas orações seguintes, pelos pronomes correspondentes (o, a, os, as, se, lhe, lhes).

Modelo: O menino estudou a lição.

R: O menino estudou-a.

- a) A menina entregou o lápis ao colega.
R: A menina entregou-lhe o lápis.
- b) O professor orientou os trabalhos à turma.
R: O professor lhes orientou a turma.
- c) Eles partiram a carteira.
R: Eles partiram-a.
- d) O director recebeu as chaves aos presentes.
R: O responsável recebeu-lhe as chaves.
- e) A Elsa fez a tarefa.
R: A Elsa fez-o.
- f) Vamos dizer o sucedido ao nosso colega.
R: Vamos dizer-o ao nosso colega.
- g) Amei um lindo rapaz com todo o meu amor.
R: Amei-o com todo o meu amor.
- h) Tiraram o apagador do lugar habitual.
R: Tiraram-o do lugar habitual.
- i) O Joel estudou as lições.
R: O Joel estudou-as.

2. Risque o verbo cujo pronome não está colocado correctamente:

Modelo: Aqui ~~vende-se~~ / se vende saldo.

a) A menina já entregou o lápis ~~ao professor~~.

R: A menina já ~~lhe entregou~~ / entregou-lhe o lápis.

b) O rapaz não estudou a lição.

R: O rapaz não ~~estudou-a~~ / a estudou.

c) Farei a prova de Português amanhã.

R: Farei-a / ~~fã-lã-ei~~ / a farei amanhã.

d) O professor daria presentes aos alunos se acertassem o exercício.

R: O professor ~~lhes daria~~ / dar-lhes-ia presentes se acertassem o exercício.

R: O professor os daria / ~~dã-les-ia~~ aos alunos se acertassem os exercícios.

e) Ontem compramos o material.

R: Ontem ~~e-compramos~~ / compramo-lo.

f) Concertaram as carteiras da escola.

R: ~~As concertaram~~ / concertaram-nas.

Obrigadas!

As autoras:

Cristina Chitula Ribeiro

Índira Geneveva da Silva

Eu e mais alguns colegas fomos fazer uma reclamação no gabinete provincial da cultura devido aos afrescos que ali estão a desaparecer o que mais nos chamou a atenção foi a pintura de S.ª Catalina porque nos sabemos que os patrimónios não devem ser modificados porque eles perdem a sua originalidade por isso fomos reclamar a pintura de S.ª Catalina.

3

A história que muito marcou a minha vida, foi o dia da morte do meu pai, lembro-me que foi no dia 05-10-2013, pelas 18:05, no hospital Militar de Luanda. Pequenos detalhes deste dia foram, sempre lembrados por mim.

11

Obrigadas!

Era uma vez um jovem tinha quatro filhos, mandou
- os para visitarem a fazenda, mais cada filho ao seu determinado tempo
mais tarde os filhos ao chegarem apresentavam características diferentes, mais
o pai disse-lhes que ninguém poderia entrar contra as afirmações dos outros
pois todos estavam certos

As autoras:

Cristina Chitula Ribeiro

Indira Genoveva da Silva

14

linhas). R: A história que me marcou foi quando

Obrigadas! O meu irmão ganhou uma bolsa de estudo para o exterior, foi muito bom ficamos muito felizes por isso porque não é fácil ganhar uma bolsa de estudo ainda mais no nosso país.

As autoras:

Cristina Chitula Ribeiro

Índira Genoveva da Silva

agradecemos muito a Deus por dar aquela oportunidade ao meu irmão.

A história que me marcou foi a minha primeira festa de 15 anos, fizeram-me uma festa surpresa e eu não sabia mesmo de nada, eu estava bem triste pensando que os esqueceram-se do meu aniversário mais afinal de conta não era isso foi tão bom que marcou-me muito.

26

linhas).

Hoje a parte de programação me correu

Obrigadas! muito bem e estão com tudo que vai aprovar

As autoras:

Cristina Chitula Ribeiro

Índira Genoveva da Silva

30